

CARTOGRAFIAS E LEITURA DA EXPERIÊNCIA EM *LA RAZÓN DE MI VIDA*

FACHIN, Paulo Cesar¹
ALVES, Lourdes Kaminski²

RESUMO

Eva Perón, em *La razón de mi vida*¹ (1951), narra a trajetória desde a sua juventude, antes de fazer parte da “causa social” até o momento em que declara a sua consciência com relação a questões de gênero e participação política na América Latina. Ao optar pela escrita autobiográfica, ao escrever sua história de vida, Eva Perón almeja ordenar e compreender os acontecimentos que constituíram sua existência, cujo enfoque já aparece no título da obra, verificando sua importância para a escritura do texto. A proposta deste texto é refletir sobre o processo pelo qual Eva Perón ao falar de si, revela o outro, ou seja, como questões de alteridade aparecem em sua autobiografia. O texto apresenta um discurso centrado na experiência de um sujeito que se autorrepresenta configurado como uma escrita do eu, mas que paradoxalmente revela o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Autobiografia. Perón. Eva Perón.

LA CARTOGRAFIA Y LA LEITURA DE LA EXPERIENCIA EN *LA RAZÓN DE MI VIDA*

RESUMEN

Eva Perón, en *La razón de mi vida* (1951), narra su trayectoria desde su juventud, antes de hacer parte de la obra social de Perón hasta el momento en el que declara su conciencia con relación a cuestiones de género y participación política en América latina. Al optar por el género autobiográfico, al describir su historia de vida, Eva Perón desea ordenar y comprender los hechos que construyeron su existencia, cuyo enfoque ya aparece en el título de la obra, averiguando su importancia para la escritura del texto. El objetivo de este texto es hacer una reflexión sobre el proceso por el cual Eva Perón al hablar de sí, revela el otro, es decir, como cuestiones de alteridad aparecen en su autobiografía. El texto presenta un discurso centrado en la experiencia de un sujeto que se autorrepresenta configurado como una escrita del yo, pero que paradójicamente revela el otro.

PALABRAS-CLAVE: Alteridad. Autobiografía. Perón. Eva Perón.

1 INTRODUÇÃO

Sartre (2003) reflete que o outro existe originariamente em cada indivíduo. Ele é o que esse indivíduo não é, uma pura negatividade, portanto. Ao mesmo tempo, esse outro reflete a única possibilidade de apreensão do indivíduo, visto que é impossível a uma consciência ser consciência dela mesma. Estar no mundo denota uma negatividade fundamental para Sartre, pois se o indivíduo tem em si o outro como consciência do que não é, considera-o, conseqüentemente, como um tipo de ser equivalente a si, logo como um ser para quem é ele, que é o outro.

O “eu” e o “outro” não podem, então, ser compreendidos como duas substâncias isoladas, o recurso ao outro se apresenta, deste modo, como uma condição indispensável para a constituição do mundo. Segundo Sartre (2003), mesmo isolado no seu quarto, o homem nunca está completamente só, pois os traços da exterioridade do mundo tais como um livro, um pensamento sobre alguém, uma carta, o telefone que toca, uma expectativa sobre algum fato, sempre remeterão ao *alter*, ao outro.

Tomamos aqui esta breve reflexão de Sartre, ao observar que já a partir do prólogo de *La razón de mi vida* Eva Perón vai desvelando a sua intenção quando diz que apesar de ser sua autobiografia os leitores encontrarão a figura do General Perón e a sua admiração pela causa social e política. O texto reforça a ideia de uma existência a partir do outro. Observamos na autobiografia um esforço em manter uma imagem já construída pelo povo sobre o general.

¿Por qué los hombres humildes, los obreros de mi país no reaccionaron como los ‘hombres comunes’ y en cambio comprendieron a Perón y creyeron en él? La explicación es una sola: basta verlo a Perón para creer en él, en su sinceridad, en su lealtad y en su franqueza [...] Se repitió eso en Belén, hace dos mil años; los primeros en creer fueron los humildes, no los ricos, ni los sabios, ni los poderosos [...] Muchas veces lo vi, desde un rincón de su despacho en la querida Secretaría de Trabajo y Previsión, él escuchando a los humildes obreros de mi Patria, hablando con ellos de sus problemas, dándoles las soluciones que venían reclamando desde hacía muchos años [...] Allí le conocí franco y cordial, sincero y humilde, generoso e incansable, allí vislumbré la grandeza de su alma y la intrepidez de su corazón.³ (PERÓN, 2004, p. 21-22).

¹ Mestre em Letras. Professor e Coordenador do Curso de Graduação em Letras da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: paulo.fachin@hotmail.com .

² Pós-Doutora em Letras. Docente do Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras, nível de Mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação Araucária - E-mail: lourdeskaminski@gmail.com.

³ Por que os homens humildes, os operários de meu país não reagem como os “homens comuns” e, ao contrário, compreenderam Perón e acreditaram nele? A explicação é somente uma: basta ver Perón para acreditar nele, em sua sinceridade, em sua lealdade e em sua franqueza [...] Repetiu-se isso em Belém faz dois mil anos; os primeiros a acreditar foram os humildes, não os ricos, nem os sábios, nem os poderosos [...] Muitas vezes o vi, desde um canto em seu escritório na querida Secretaria de Trabalho e Previdência, ele escutando aos humildes operários de minha Pátria, falando com eles sobre seus problemas, dando-lhes as soluções que vinham reclamando já há muitos anos [...] Ali o conheci franco e cordial, sincero e humilde, generoso e incansável, ali vislumbrei a grandeza de sua alma e a intrepidez de seu coração. (tradução nossa).

Eva Perón autobiografada vai construindo identidades que se confundem ao longo da narrativa. Em todo texto segue reforçando que não é nada sem os ensinamentos do General a quem chama também de professor. Neste sentido, Eva Perón aparece criando sua identidade⁴ como um duplo de Perón.

Na mitologia grega o homem é interpretado como possuidor de uma natureza dupla, em particular masculina e feminina. Esta ideia da dualidade do humano masculino/feminino, homem/animal, espírito/carne, vida/morte, revela, segundo Brunel "uma crença na metamorfose que implica uma certa ideia do homem como responsável pelo seu destino". (BRUNEL, 2000, p. 262).

A literatura, segundo o mesmo autor, "tem a vocação de por em cena o duplo, invalidando o princípio de identidade, o que é uno é também múltiplo". (BRUNEL, 2000, p. 262). O desdobramento, talvez não suponha mais que uma metáfora da oposição de contrários, cada um dos quais encontra no outro seu próprio complemento que resultaria, que o desdobramento (a aparição do outro) não seria mais que o reconhecimento da própria indigência, do vazio que experimenta o ser no fundo de si mesmo e da busca do outro para tentar preenchê-lo, complementando esta ideia do desdobramento, pode-se remeter a ideia de alteridade.

Luiza Lobo explica que:

A alteridade pode ser vista não só como um outro antropológico (Lévi-Strauss mostra o selvagem como um outro igual ao civilizado que deve ser conhecido) ou um outro filosófico (a consciência da diferença entre pessoas), mas também do ponto de vista psicanalítico: neste caso consistiria no confronto entre consciente e inconsciente, e, por conseguinte, na consciência de que não somos um eu total, sem arestas, como querem o humanismo e a metafísica, mas um eu com fissuras, com desdobramentos, que é representado pela própria entrada no universo da linguagem através da fala que constitui, para Lacan, a entrada no plano do simbólico exterior. (LOBO, 2008, p. 3).

A ideia da alteridade antropológica, filosófica ou psicanalítica, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro. Assim sendo, eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro.

Partindo desse pressuposto, a escritura, ao falar de si própria, inclui, em seu universo literário, o outro, e ao mesmo tempo, inventa-se e deixa-se inventar pela alteridade. Do mesmo modo, inventa o outro dentro ou fora dela mesma, não sem provocar, logicamente, e como já se viu antes, uma relação de inclusão/exclusão do outro em sua interioridade: um modo de aceitação e, ao mesmo tempo, de negação. (RODRIGUES, 2007, p. 154).

Nesta perspectiva, na autobiografia de Eva Perón está explícito o desejo de exteriorização, que aparece como um desdobramento, desejo de ser outra, ver-se em Perón, da mesma forma, que o general Perón fosse visto nela, mais precisamente em sua atuação política.

[...]. Yo he deseado que fuese así. Y aun más, yo he tratado de que así sucediese. Que se presenten ante mí como se pidiesen justicia, como se exige un derecho. Además no piden a mí. Lo que solicitan es aquello que se les negó siempre y que Perón les prometió: un poco de bienestar, un poco de felicidad. En realidad, analizando bien, ellos vienen a pedir el cumplimiento de la palabra empeñada por Perón. Por eso, allí yo me siento como una empleada más de él, sin otro sueldo que su cariño y el de mi pueblo... ¡nadie gana tanto en este mundo como yo! Lo que interesa es que la palabra de Perón se cumpla. Los que me piden algo a mí, lo piden a Perón; y pedir a Perón no es humillante para nadie ni aun para los más encumbrados. Menos para un descamisado que ve en él a un padre o a un amigo.⁵ (PERÓN, 2004, p. 96).

Além da presença da alteridade, ou seja, da condição de ser "outro" podemos observar na citação acima, outras características relativas ao duplo, como a exterioridade, ou a qualidade de ser exterior ou de estar fora e a duplicidade ou a capacidade de desdobrar-se, de ser dúplice ou a duplicidade. Eva ou "Evita" desejava sair de si mesma, exteriorizar-se, desdobrar-se, ser reconhecida na figura de Perón, da mesma forma que na figura do general, deveria ser reconhecida a sua imagem.

2 ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: EVA, JUAN PERÓN OU EVITA?

⁴ Empregamos para esta reflexão, a ideia de identidade de acordo com os pressupostos de Hall (2004), quando este teórico explica que: "A identidade, na concepção ideológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar a metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura [...]. A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada' [...]. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros". (HALL, 2004, p. 11-25).

⁵ Eu desejei que fosse assim. E até mais, eu tratei que assim sucedesse. Que se apresentem em minha frente pedindo justiça, da mesma forma como se exige um direito. Além disso, não pedem a mim. O que solicitam é aquilo que os foi negado sempre e que Perón os prometeu: um pouco de bem estar, um pouco de felicidade. Na realidade, analisando bem, eles vêm pedir o cumprimento da palavra empenhada por Perón. Por isso, ali eu me sinto como mais uma funcionária dele, sem outro salário além de seu carinho e o carinho de meu povo... ninguém ganha tanto neste mundo como eu! (tradução nossa).

La razón de mi vida de um lado aproxima-se da concepção tradicional de biografismo, ou seja, apresenta um conjunto de textos em torno dos quais se organiza; o relato autobiográfico estaria linearmente ligado aos aspectos cronológicos da vida e atuação política de Eva Perón, tentando passar uma imagem única, integral e plástica do sujeito ali descrito. No entanto, no texto autobiográfico a vida pode ser descrita e interpretada desvelando um outro texto em que aparece o social, como lembra Bakhtin, que “as histórias de vida permitem diversos modos de escrever ou narrar uma biografia”. (BAKHTIN, 2000, p. 164).

A autobiografia *La razón de mi vida* apresenta um discurso centrado na experiência de um sujeito que se autorrepresenta configurado como uma escrita do eu, mas que paradoxalmente revela o outro.

Outras considerações, entretanto, podem ser tecidas com relação a esta autobiografia, a princípio, tem-se a impressão de que a figura de Eva Perón é tratada com um tom “encomiástico”, definido por Bakhtin como “[...] ato verbal de glorificação”. (BAKHTIN, 2000, p. 164).

Contudo, uma leitura mais apurada da obra mostra que a primeira parte é dedicada mais ao sujeito do presente e as partes subsequentes ao sujeito político coletivo, ou seja, a mulher/figura política e sua causa. Além disso, a narrativa dessa autobiografia dialoga com diferentes vozes, apresentando, assim, características do texto autobiográfico ou da narrativa confessional.

Parece que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um ‘eu’, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor. Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire confissões diversas. (REMÉDIOS, 1997, p. 09).

No entanto, em *La razón de mi vida*, o sujeito autobiografado é assujeitado ao discurso que sobre ele proferem. No texto se pode observar a relação entre o poder e seus efeitos de verdade na perspectiva de que trata Foucault:

Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 1976, p. 29).

Deslizando entre a autobiografia e a memória, *La razón de mi vida* põe em cena um eu fragmentado que vive o desejo de legitimar ações e discursos a partir de quadros de sentido, moldura ou enquadramentos definidos pelos ideais do Partido Peronista.

Ahora ya puede comprender quien haya leído el capítulo precedente que siento así Perón en su grandeza, que unida a su sencillez lo hacen genial, sea yo como soy: fervorosa y fanáticamente peronista. A me suele decir cariñosamente el mismo Líder que soy ‘demasiado peronista’. Recuerdo una tarde después de haberle estado hablando durante largo rato de... ¿de qué iba a hablarle sino de él, de sus sueños, de sus realizaciones, de su doctrina, de sus conquistas? Me interrumpió para decirme: – ¡Tanto me hablas de Perón que voy a terminar por odiarle! – No se extrañe pues quien buscando en estas páginas mi retrato encuentre más bien la figura de Perón. Es que – lo reconozco – yo he dejado de existir en mi misma y es él quien vive en mi alma, dueño de todas mis palabras y de mis sentimientos, señor absoluto de mi corazón y de mi vida. Por otra parte, esto es un viejo milagro, un antiguo milagro del amor que a fuerza de repetirse en el mundo ya ni siquiera no parece milagro. Un día me dijeron que era demasiado peronista para que pudiese encabezar un movimiento de las mujeres de mi Patria. Pensé muchas veces en eso y aunque de inmediato ‘sentí’ que no era verdad, traté durante algún tiempo de llegar a saber por qué no era no lógico ni razonable. Ahora creo que puedo dar mis conclusiones. ¡Sí, soy peronista, fanáticamente peronista!⁶ (PERÓN, 2004, p. 33).

Segundo Lejeune (1975), para que haja autobiografia, é preciso haver identidade de nome entre o autor, o narrador e o personagem afirmada, no texto, por uma espécie de contrato que se estabelece entre o autor e o leitor: “o pacto autobiográfico”. Em princípio, *La razón de mi vida* responde plenamente ao critério exigido por Lejeune, tendo em vista que o pacto se evidencia no nível da identidade entre o nome da autora que aparece na capa e o da voz narrativa declarada ao longo do relato.

El 17 de Octubre es otra cosa. Pero el pueblo es el mismo, y el lugar, como siempre desde 1945, es la Plaza de Mayo. Es nuestro ‘día de lealtad’. Desde 1945, todos los años *los descamisados* de mi país se dan cita en ese lugar. Como en aquella primera noche memorable cada año quiere ver y escuchar a Perón. Este es para mí un día de

⁶ Agora, já pode compreender, quem leu o capítulo precedente que sendo assim Perón em sua grandeza, que unida a sua simplicidade o fazem genial, seja eu como sou: fervorosa e fanáticamente peronista. Às vezes, dói-me dizer carinhosamente o mesmo Líder que sou ‘demasiado peronista’. Lembro-me que uma tarde depois de ter estado falando dele durante longo tempo sobre... De que eu falaria com ele senão dele, de seus sonhos, de suas realizações, de sua doutrina, de suas conquistas? Ele me interrompeu para dizer-me: Você tanto me fala de Perón que vou terminar por odiá-lo! No estranhe, pois quem está buscando nestas páginas meu retrato encontre nele a figura de Perón. É que – o reconheço – eu deixei de existir em mim mesma e é ele quem vive em minha alma, dono de todas minhas palavras e de meus sentimentos, senhor absoluto de meu coração e de minha vida. De outro lado, isto é um velho milagre, um antigo milagre do amor que com a força que se repete no mundo, já nem sequer parece milagre. Um dia me disseram que eu era demasiado peronista para que pudesse encabeçar um movimento das mulheres de minha Pátria. Pensei muitas vezes nisso e mesmo que, de imediato, ‘sentí’ que não era verdade, tratei durante algum tempo de chegar, a saber, por que não era nem lógico nem racional. Agora acredito que posso dar minhas conclusões. Sim, sou peronista, fanáticamente peronista! (tradução nossa).

grandes emociones. Aunque me propongo ser fuerte hasta el fin, nunca lo consigo del todo. Es demasiado fuerte para mi corazón contemplar al mismo tiempo la felicidad del pueblo y la de Perón. Desde el balcón que preside la fiesta me es posible ver las caras de los descamisados y la del Líder. Es magnífico siempre el espectáculo, pero se vuelve indescriptible cuando habla Perón. Cada año é pregunta a su pueblo si está satisfecho con el gobierno. Cuando millares y millares de voces responden que sí, se estremece toda la Plaza de Mayo y puedo afirmar que ese estremecimiento, que viene desde tantas almas, sacude violentamente mi corazón. Lo que ocurre en el alma de Perón tal vez me resulte muy difícil describirlo. Cuando quise representar en estos apuntes la figura del Líder dije que era mejor salir a verlo, como quien invita a conocer una cosa indescriptible como el sol. Decir lo que pasa en el alma de Perón cada 17 de Octubre es una cosa parecida a eso. Yo no creo que sea verdad aquello de influjo magnético de la multitud sobre su conductor y del conductor sobre su multitud. En cambio creo que es más bien un problema de sensibilidad. Pienso que muchos hombres reunidos, en vez de ser millares y millares de almas separadas son más bien una sola alma. Para que esa alma se manifieste es necesario que el conductor tenga la sensibilidad suficiente como para poder oír las voces del alma gigantesca de la multitud. Es necesario por eso poseer un alma extraordinaria para ser conductor. Y allí está el secreto de Perón: ¡en su alma! [...] Sentimos que el sol ilumina todos nuestros caminos [...] El Líder ha dejado contento y tranquilo a su pueblo.⁷ (PERÓN, 2004, p. 75-76).

O livro apresenta uma espécie de prólogo no qual a autora fornece informações sobre sua própria vida, sobre a admiração por Perón e o verdadeiro motivo que a levou à escritura da autobiografia.

Este libro ha brotado de lo más íntimo de mi corazón. Por más que, a través de sus páginas, hablo de mis sentimientos, de mis pensamientos y de mi propia vida, en todo lo que he escrito, el menos advertido de mis lectores no encontrará otra cosa que la figura, el alma y la vida del General Perón y mi entrañable amor por su persona y por su causa. Muchos me reprocharán que haya sido escrito todo esto pensando solamente en él; yo me adelanto a confesar que es cierto, totalmente cierto. Y yo tengo mis razones, mis poderosas razones que nadie podrá discutir ni poner en duda: yo no era ni soy nada más humilde mujer... un gorrión en una inmensa bandada de gorriones... Y él era el cóndor gigante que vuela alto y seguro entre las cumbres y cerca de Dios. Si no fuese por él que descendió hasta mí y me enseñó a volar de otra manera, yo no hubiese sabido nunca lo que es un cóndor ni hubiese podido contemplar jamás la maravillosa y magnífica inmensidad de mi pueblo. Por eso mi vida ni mi corazón me pertenecen y nada de todo lo que soy o tengo es mío. Todo lo que soy, todo lo que tengo, todo lo que pienso y todo lo que siento es de Perón. Pero yo no me olvido ni me olvidaré nunca de que fui gorrión ni de que sigo siéndolo. Si vuelo más alto es por él. Si ando entre las cumbre, es por él. Si a veces toco casi el cielo con mis alas, es por él. Si veo claramente lo que es mi pueblo y lo quiero y siento su cariño acariciando mi nombre, es solamente por él. Por eso le dedico a él, íntegramente, este canto que, como el de los gorriones, no tiene ninguna belleza, pero es humilde y sincero, y tiene todo el amor de mi corazón.⁸ (PERÓN, 2004, p. 07).

A presença do prólogo e conteúdo expresso pela autora levaria a classificá-lo a princípio, seguindo Lejeune, como autobiografias propriamente ditas. Mas, avançando na leitura do relato, percebe-se logo que ele rompe a fronteira do gênero autobiográfico e envereda por vias diversas, recorrendo à ficção para preencher as lacunas da memória, misturando memória individual e memória coletiva e, por vezes, aproximando-se do relato histórico ao fornecer dados precisos sobre a história da Argentina.

Así fue como un día me vi en una circunstancia que decidió mi destino. El país estaba solo. Marchaba a la deriva sin conducción y sin rumbo. Todo había sido entregado al extranjero. El pueblo sin justicia, oprimido y negado. Países extraños y fuerzas internacionales lo sometían a un dominio que no era muy distinto a la opresión colonial. Me di cuenta de que todo eso podía remediarse. Poco a poco advertí que yo era quien podía remediarlo. En ese

⁷ O dia 17 de Outubro é outra coisa. Porém o povo é o mesmo, e o lugar, como sempre desde 1945, é a *Plaza de Mayo*. E o nosso 'dia da lealdade'. Desde 1945, todos os anos os *descamisados* de meu país se encontram nesse lugar. Como naquela primeira noite memorável, em cada ano, quer ver e escutar Perón. Este é para mim um dia de grandes emoções. Mesmo que sempre me proponho em ser forte até o fim, nunca o consigo totalmente. É demasiado forte para meu coração contemplar ao mesmo tempo a felicidade do povo e a de Perón. Da sacada que preside a festa é possível que eu veja os rostos dos *descamisados* e o rosto do Líder. O espetáculo sempre é magnífico, mas se transforma indescrevível quando Perón fala. Cada ano ele pergunta ao seu povo se está satisfeito com o governo. Quando milhares e milhares de vozes respondem sim, estremece-se toda a *Plaza de Mayo* e posso afirmar que esse estremecimento, quem vem de tantas almas, sacode violentamente meu coração. O que ocorre na alma de Perón, talvez, resulte-me muito difícil descrevê-lo. Quando eu quis apresentar estas anotações sobre a figura do Líder disse que era melhor sair a vê-lo, como quem convida para conhecer algo indescrevível como o sol. Eu não acredito que seja verdade aquilo de influência magnética da multidão sobre seu condutor e do condutor sobre a multidão. Ao contrário, acredito que é bem mais um problema de sensibilidade. Penso que muitos homens reunidos, em vez de ser milhares e milhares de almas separadas são, bem mais, somente uma alma. Para que essa alma se manifeste é necessário que o condutor tenha a sensibilidade suficiente para poder ouvir as vozes da alma gigantesca da multidão. É necessário por isso possuir uma alma extraordinária para ser condutor. E ali está o segredo de Perón: em sua alma! [...] Sentimos que o sol ilumina todos os nossos caminhos [...] O Líder deixou o seu povo contente e tranquilo. (tradução nossa).

⁸ O livro brotou do mais íntimo de meu coração. Por mais que, através de suas páginas, falo de meus sentimentos, de meus pensamentos e de minha própria vida, em tudo o que escrevi, o menos advertido de meus leitores não encontrará outra coisa além da figura, da alma e da vida do General Perón e meu profundo amor por sua pessoa e por sua causa. Muitos me reprovarão que eu tenha escrito tudo isto pensando somente nele; eu já me adianto em confessar que é certo, totalmente certo. E eu tenho minhas razões, minhas poderosas razões que ninguém poderá discutir, nem duvidar: eu não era e nem sou nada mais que uma humilde mulher... Um pardal num imenso bando de pardais... E ele o condor gigante que voa alto e firme entre os lugares mais altos e perto de Deus. Se não fosse por ele que desceu até mim e me ensinou a voar de outra maneira, eu não teria sabido nunca o que é um condor, nem teria podido contemplar jamais a maravilhosa e magnífica imensidão de meu povo. Por isso, nem minha vida, nem meu coração me pertencem e nada de tudo o que eu sou e tenho é meu. Tudo o que sou, tudo o que tenho, tudo o que penso e tudo o que sinto é de Perón. Mas eu não me esqueço nem que esquecerei nunca de que fui um pardal e o continuo sendo. Se voo mais alto é por ele. Se ando entre os cumes, é por ele. Se às vezes quase toco o céu com minhas asas, é por ele. Se vejo claramente o que é meu povo e o amo e sinto seu carinho acariciando meu nome, é somente por ele. Por isso, dedico-lhe a ele, íntegramente, este canto que, como o dos pardais, não tem beleza alguma, mas é humilde e sincero e tem todo o amor de meu coração. (tradução nossa).

momento, el problema de mi país pasó a ser un problema de mi conciencia. Lo resolví decidiéndome por la Revolución. Esa decisión fue ‘mi ayuda al destino. Dos años y medio después todo parecía perdido. Había luchado intensamente en la Secretaría de Trabajo y Previsión [...] Fue en octubre de 1945. Esa es historia conocida. Durante ocho días conocí los matices de la soledad, el abandono y la amargura. Así como yo había pensado un día que era necesario hacer una Revolución, el pueblo sintió – ¡el pueblo siente! – que había llegado un momento crucial de su historia [...] Desde 1943 a 1945 el pueblo fue despertando de un viejo letargo que ya duraba más de un siglo. Pero durante ese siglo había vivido de sus viejas glorias. No pudo olvidar la hazaña de sus granaderos por medio continente. No pudo olvidar su vocación por la libertad y la justicia. Por eso me resultó fácil desertarlo. Me bastó insistir en los viejos temas de la hora inicial de su vida: la justicia, la libertad, la independencia y la soberanía.⁹ (PERÓN, 2004, p. 30-32).

Não há dúvidas de que *La razón de mi vida* pode ser lido como escritas do eu, mas trata-se de um eu reinventado, recriado, enfim, um eu reelaborado no imaginário coletivo.

Cuando me encuentro con ellos ¿qué voy a ser entonces sino una compañera, o una amiga?; una compañera cuya gratitud infinita no puede expresarse sino de una sola manera: ¡Con absoluta y profunda lealtad! Y ellos lo saben bien; saben que yo no soy el Estado, ni mucho menos el patrón. Por eso suelen decir: – Evita es vasca, pero es leal. Saben que yo no tengo sino un precio que es el amor de mi pueblo. Por el amor de mi pueblo – ¡y ellos son pueblo! – yo vendería todo cuanto soy cuanto tengo y creo que incluso daría mi vida. Saben que cuando yo les aconsejo ‘aflojar’ lo hago por el bien de ellos, lo mismo que cuando les incito a la lucha. A medida que avanza el tiempo en nuestro movimiento común esa confianza se va consolidando pues todos los días les doy pruebas de mi lealtad. Y en ellos cada vez es mayor la confianza que me tienen, a tal punto que suelen esperar de mí incluso cuando todo está perdido. Muchas veces sucede un problema gremial mal conducido, o por dificultades económicas insolubles, no puede tener solución adecuada, satisfactoria para los obreros. Entonces es cuando mi trabajo, de simple y sencillo, se vuelve difícil. Entonces es cuando más empeño en buscar la solución y mi más grande alegría es encontrarla y ofrecerla a los obreros. ¿Acaso ellos no encontraron la solución de un problema que estaba perdido cuando reconquistaron a Perón para ellos y para mí, el 17 de Octubre de 1945? Y cuando de mis recursos no queda ya ninguno, entonces acudimos al supremo recurso que es la plenipotencia de Perón, en cuyas manos toda esperanza se convierte en realidad aunque sea una esperanza ya desesperada.¹⁰ (PERÓN, 2004, p. 62-63).

La razón de mi vida poderia ser lida ainda sob a rubrica de “autoficção biográfica” a que Vincent Colonna define como sendo um “relato no qual ele (o escritor) fabula sua existência a partir de dados reais, permanece o mais perto possível do verossímil e confere a seu texto uma verdade pelo menos subjetiva – quando não mais que isso” (COLONNA, 2004, p. 93). No entanto, o que nos interessa é refletir sobre a construção narrativa híbrida desse texto que, deslizando por diferentes gêneros narrativos (autobiografia, ficção, relato, diário, memória, história), transforma-se em um espaço privilegiado de encenação desse eu fragmentado entre imagens e discursos diversos.

Algunos suelen pensar – y aun me lo han dicho ingenuamente – que al tratar con los obreros realizo un sacrificio demasiado grande y demasiado generoso [...] Nada del trato con los obreros me resulta desagradable. Son hombres sencillos, sí [...] Yo nunca he seccionado a los obreros que me visitan [...] La gente oligárquica, que cree que ‘desciendo’ por tratar con los obreros, aprendería mucho de ellos y tal vez – aunque esto lo digo sin ninguna esperanza –, tal vez ‘subiría’ un poco en honradez y en dignidad [...] Son tan sensatos nuestros obreros en su manera de reclamar mejoras que muchas veces yo les he podido dar la ‘sorpresa’ de obtenerles más de cuando habían solicitado los más optimistas. En mi despacho nunca faltan obreros. Yo los veo muchas veces conversar con los ministros, con altos funcionarios, embajadores, visitantes ilustres y aun famosos. Me gusta ver cómo los obreros no temen el trato de nadie y se sienten iguales y ¿por qué no? Creo que a veces, en mi despacho, se ‘sienten más que los otros’ porque allí ellos tienen privilegio. Los demás pueden aspirar al derecho de mi amistad, los obreros saben que tienen ya derecho a un poco más de mi amistad, y es mi cariño. Viendo cómo los obreros

⁹ Assim foi como um dia em que me vi numa circunstância que decidiu meu destino. O país estava sozinho. Marchava à deriva sem condição e sem rumo. Tudo tinha sido entregue ao estrangeiro. O povo sem justiça, oprimido e negado. Países estrangeiros e forças internacionais o submetiam a um domínio que não era muito diferente à opressão colonial. Eu me dei conta de que tudo isso poderia ser remediado. Pouco a pouco adverti que eu era quem poderia remediá-lo. Nesse momento, o problema de meu país passou a ser um problema de minha consciência. Resolvi-o decidindo pela Revolução. Essa decisão foi ‘minha ajuda ao destino’. Dois anos e meio depois tudo parecia perdido. Tinha lutado intensamente na Secretaria de Trabalho e Previdência [...] Foi em outubro de 1945. Essa história é conhecida. Durante oito dias conheci os matices da solidão, do abandono e da amargura. Assim como eu tinha pensado um dia que era necessário fazer uma Revolução, o povo sentiu – o povo sente! – que tinha chegado um momento crucial em sua história [...] De 1943 a 1945, o povo foi despertando de um velho letargo que já durava mais de um século. Mas durante esse século tinha vivido de suas velhas glórias. Não pôde olvidar a façanha de seus granadeiros por meio continente. Não pôde esquecer a sua vocação pela liberdade e pela justiça. Por isso me resultou fácil desertá-lo. Bastou-me insistir nos velhos temas da hora inicial de sua vida: a justiça, a liberdade, a independência e a soberania. (tradução nossa).

¹⁰ Quando me encontro com eles, o que vou ser então senão uma companheira ou uma amiga? Uma companheira cuja gratidão infinita não pode se expressar senão de uma maneira somente: Com absoluta e profunda lealdade! E eles o sabem bem; sabem que eu não sou o Estado, nem muito menos o patrão. Por isso costumam dizer: – Evita é excessivamente ansiosa, mas é leal. Sabem que eu não tenho senão um preço que é o amor de meu povo. Pelo amor de meu povo – E eles não povo! – Eu venderia tudo quanto sou, quanto tenho e acredito que, inclusive, daria minha vida. Sabem que quando eu lhes aconselho ‘afrouxar’, faço-o pelo bem deles, o mesmo que quando lhes incentivo à luta. À medida que avança o tempo em nosso movimento comum, essa confiança vai se consolidando, pois todos os dias dou-lhes provas de minha lealdade. E, neles, cada vez é maior a confiança que têm em mim, a tal ponto que costumam esperar de mim, inclusive, quando tudo está perdido. Muitas vezes acontece um problema comum mal conduzido ou por dificuldades econômicas insolúveis, não pode ter solução adequada, satisfatória para os operários. Então é quando meu trabalho, de simples, transforma-se difícil. Então é quando mais me empenho para encontrar uma solução e minha maior alegria é encontrá-la e oferecê-la aos trabalhadores. Por acaso eles não encontraram a solução de um problema que estava perdido quando reconquistaram Perón para eles e para mim, no dia 17 de Outubro de 1945? E quando, dos meus recursos, não resta já nenhum, então recorremos ao supremo recurso que é a plenipotência de Perón, em cujas mãos toda esperança se converte em realidade mesmo que seja uma esperança já desesperada. (tradução nossa).

tratan y aprecian a los demás he aprendido mucho. Sé ahora que los hombres que saben ganarse el afecto de los obreros son, por lo general, dignos del movimiento Peronista; y que no sirven para nuestra lucha quienes no saben o no pueden conquistar aquel afecto. Es que los obreros sólo dan su amistad y su afecto a quienes honrada y lealmente ofrecen amistad. Y tienen una fina sensibilidad que les permite descubrir a quién únicamente desea utilizar la amistad como puente de sus ambiciones personales.¹¹ (PERÓN, 2004, p. 66-67).

Philippe Vilain confirma que a escrita autobiográfica não se resume apenas a um relato de vida, “mas parece explorar, sobretudo, um imaginário”. (VILAIN, 2005, p. 119).

Se a escrita do eu passa pela ficção, é na memória que se encontra a fonte de criação. Memória individual, mas também memória coletiva, memória de seus *descamisados* transmitida pelo povo.

Entre maio de 1952 – dois meses antes de sua morte – e julho de 1954, o Vaticano recebeu quase quarenta mil cartas de fiéis atribuindo diversos milagres a Evita e exigindo que o papa a canonizasse [...]. Por aqueles mesmos anos, todas as adolescentes pobres da Argentina queriam parecer-se com Evita. A metade das meninas nascidas nas províncias do Noroeste se chamava Eva ou María Eva, e as que não tinham esses nomes copiavam os emblemas de sua beleza. Tingiam os cabelos de loiro e os penteavam para trás, puxados e recolhidos em um ou dois coques. Vestiam saias rodadas, feitas de tecidos que pudessem ser engomados, e sapatos com cintilho nos tornozelos. Evita era o juiz da moda e o modelo nacional de comportamento. Saías e sapatos desse tipo nunca voltaram a ser usados depois do final dos anos 50, mas o cabelo tingido de loiro seduziu as altas classes e, com o tempo, tornou-se um elemento distintivo das mulheres dos bairros chiques de Buenos Aires. Nos seis primeiros meses de 1951, Evita entregou vinte e cinco mil casas e quase três milhões de pacotes contendo remédios, móveis, roupas, bicicletas e brinquedos. Para falar com ela, os pobres faziam filas desde bem antes do amanhecer, e alguns só conseguiam fazê-lo no amanhecer do dia seguinte. Ela os interrogava acerca de seus problemas familiares, suas doenças, seus empregos e até seus amores. Durante aquele mesmo ano de 1951, foi madrinha de casamento de 1708 casais, metade dos quais já com filhos. Os filhos ilegítimos comoviam Evita até as lágrimas, pois havia sofrido a sua própria ilegitimidade como um martírio. Eu me lembro nos povoados perdidos de Tucumán muita gente acreditava que era uma emissária de Deus. Também ouvi dizer que no Pampa e nos vilarejos do litoral Patagônico os camponeses costumavam ver seu rosto desenhado no céu. Temiam que morresse, pois com seu último suspiro o mundo poderia acabar. Era comum que as pessoas simples tentassem chamar a atenção de Evita, para assim alcançar alguma forma de eternidade. ‘Estar no pensamento da Senhora’, disse um doente de pólio, ‘é como tocar Deus com as mãos. O que mais a gente precisa?’ (MARTÍNEZ, 1996, p. 57-58).

O mito de Evita se confunde na memória de Eva Perón com a história do peronismo na Argentina cujas bandeiras foram incorporadas pelo imaginário coletivo latino-americano.

A la doble personalidad de Perón debía corresponder una doble personalidad en mí; una, la de Eva Perón, mujer del Presidente, cuyo trabajo es sencillo y agradable, trabajo de los días de fiesta, de recibir honores, de funciones de gala; y otra, la de Evita, mujer del Líder de un pueblo que ha depositado en él toda su fe, toda su esperanza y todo su amor. Unos pocos días al año, represento en papel de Eva Perón; y en ese papel creo que me desempeño cada vez mejor, pues no me parece difícil ni desagradable. La inmensa mayoría soy en cambio Evita, puente tendido entre las esperanzas del pueblo y las manos realizadoras de Perón, primera peronista argentina, y éste sí que me resulta papel difícil, y en que nunca estoy totalmente contenta de mí. De Eva Perón no interesa que hablemos. Lo que ella hace aparece demasiado profusamente en los diarios y revistas de todas partes. En cambio, sí interesa que hablemos de ‘Evita’; y no porque sienta ninguna vanidad en serlo sino porque quien comprenda a ‘Evita’ tal vez encuentre luego fácilmente comprensible a sus ‘descamisados’, el pueblo mismo, y ése nunca sentirá más de lo que es... ¡nunca se convertirá por lo tanto en oligarca, que es lo peor que puede sucederle a una peronista! [...] Cuando elegí ser ‘Evita’ se que elegí el camino de mi pueblo [...] Nadie sino el pueblo me llama ‘Evita’. Solamente aprendieron a llamarme así los ‘descamisados’. Los hombres de gobierno, los dirigentes políticos, los embajadores, los hombres de empresa, profesionales, intelectuales, etc., suelen llamarme ‘Señora’; y algunos incluso me dicen públicamente ‘Excelentísima o Dignísima Señora’ y aun, a veces, ‘Señora Presidenta’. Ellos no me ven en mí más que a Eva Perón. Los descamisados, en cambio, no me conocen sino ‘Evita’ [...] Sí, confieso que tengo una ambición, una sola y gran ambición personal: quisiera que el nombre de Evita figurase alguna vez en la historia de mi Patria [...] Y me sentiría debidamente, sobradamente compensada si la nota terminase de esta manera: ‘De aquella mujer sólo sabemos que el pueblo la llamaba, cariñosamente, ‘Evita’.¹² (PERÓN, 2004, p. 47-50).

¹¹ Alguns costumam pensar – e, inclusive, disseram-me ingenuamente – que ao receber aos operários, realizo um sacrifício demasiado grande e demasiado generoso [...] Nada do tratamento com os operários me resulta desagradável. São homens simples, sim [...] Eu nunca selecionei aos operários que me visitam [...] As pessoas da oligarquia, que acreditam que ‘desço’ por receber aos operários, aprenderia muito deles e talvez – mesmo que isto o digo sem nenhuma esperança – talvez ‘subiriam’ um pouco em honradez e em dignidade [...] São tão sensatos nossos operários em sua maneira de reclamar melhorias que, muitas vezes, eu os pude dar a ‘surpresa’ de que eles obtivessem mais do que tinham solicitados os mais otimistas. Em meu escritório nunca faltam operários. Muitas vezes, eu os vejo conversando com os ministros, com altos funcionários, embaixadores, visitantes ilustres e, inclusive, famosos. Eu gosto de ver como os operários não temem ao tratar com ninguém e se sentem iguais. E por que não? Acredito que às vezes, em meu escritório, eles se ‘sentem mais do que os outros’, porque ali eles têm um privilégio. Os demais podem aspirar ao direito de minha amizade, os operários sabem que já têm o direito a um pouco mais que minha amizade é meu carinho. Vendo como os operários tratam e apreciam aos demais aprendi muito. Sei agora que os homens que sabem ganhar o afeto dos operários são, geralmente, dignos do movimento Peronista; e que não servem para nossa luta quem não sabe ou não pode conquistar aquele afeto. É que os operários somente dão sua amizade e seu afeto a quem honrada e lealmente oferecem amizade. E têm sua fina sensibilidade que lhes permite descobrir a quem, unicamente, deseja utilizar a amizade como ponte de suas ambições pessoais. (tradução nossa).

¹² A dupla personalidade de Perón devia corresponder uma dupla personalidade em mim: uma, a de Eva Perón, mulher do Presidente, cujo trabalho é simples e agradável, trabalho nos dias de festa, de receber honras, de funções de gala; e outra, a de Evita, mulher do Líder de um povo que depositou nele toda sua fé, toda sua esperança e todo seu amor. Uns poucos dias ao ano, represento o papel de Eva Perón; e nesse papel acredito que me

Como se vê, *La razón de mi vida* na sua escrita do eu, passa de um gênero narrativo a outro, misturando a memória individual à memória coletiva e à história para se construir sua própria ficção. Este recurso remete ao que Régine Robin define como “memória cultural” que seria uma espécie de bricolagem narrativa, fabricada pelo indivíduo para se representar o passado a partir de relatos familiares, “genealogias mais ou menos imaginárias, traços de leitura, informações históricas, imagens, enfim, de tudo o que o marcou e que lhe vem à mente em uma dispersão de lembranças-flash”. (ROBIN, 1989, p. 57).

E assim, inventando-se e reinventando-se por meio de uma escrita tecida entre a memória e a ficção, a voz narrativa em *La razón de mi vida* consegue fazer o que Daniel Sibony define como “viagem da origem, ida e volta”, ou seja, atravessar o entre-dois e recolar alguns pedaços de história. (SIBONY, 1991, p. 20).

Eva Perón recolhe fenômenos importantes do seu passado e os incorpora à sua condição atual (tempo de escritura da autobiografia) de mulher pública, o que lhe permite assumir, uma identidade outra ou – retomando Sibony – uma “identidade em pedaços, mas consistente”. (SIBONY, 1991, p. 20).

Em *La razón de mi vida* a escrita se constitui como o espaço por excelência de travessia da linguagem para a realização da experiência. Parece estar clara a preocupação em dizer a verdade. Philippe Vilain admite “a hipótese de que a verdade autobiográfica diz respeito tanto à experiência vivida como à antecipação imaginada dessa experiência, tanto à realização como aos desejos e medos ligados a esta mesma realização”. (VILAIN, 2005, p. 124).

A definição que Lejeune (1975) propõe parte de uma série de oposições e aproximações entre o que ele chama de gênero autobiográfico e outros gêneros da literatura íntima como as memórias, o diário e o ensaio. O principal ponto de suas investigações recai sobre o leitor, pois é ele que estabelece o que o autor denominou de “pacto autobiográfico”, constituindo-se em elemento fundamental para distinguir a autobiografia da categoria a que denomina “novela autobiográfica”. A essência do gênero autobiográfico residiria nos papéis do autor e do leitor.

Em seu relato de vida, Eva Perón mistura as experiências realmente vividas a outras criadas pela imaginação, mas cuja realização teria sido possível. Se o que ela conta não é totalmente verdadeiro, é certamente verossímil. E, segundo Paul Ricoeur, o verossímil, isto é, “o que teria podido acontecer” incorpora ao mesmo tempo as potencialidades do passado “real” e os possíveis “irreais” da pura ficção. (RICOEUR, 1994, p. 347).

A memória, portanto, não é um simples mecanismo de recordação, mas é o elemento que permite mostrar o estado de espírito da voz narrativa no momento da escrita e possibilita que o sujeito busque, no processo de narrar, sua própria identidade.

Para Ricoeur (1994) uma obra é a configuração do desejo de dizer o ser. Por isso, o homem narra para saber quem é. O autor afirma ainda que “não é de forma intuitiva e imediata que o sujeito se conhece, mas sim através da mediação pelos episódios que vai registrando ao longo da sua vida”. (RICOEUR, 1994, p. 35). Cada sujeito configura os acontecimentos dispersos da sua existência por meio da interpretação pessoal que dá a eles: “É como se a vida só tomasse figura, e um sujeito identidade como sujeito, após o entrelaçamento dos vários episódios da sua vida, de forma a construir uma narrativa com sentido”. (RICOEUR, 1994, p. 36). A memória, portanto, ocupa papel prioritário nesse contexto, pois permitindo o entrelaçamento dos episódios da vida do sujeito na narrativa, dá vazão ao desejo do sujeito de aprofundar o conhecimento sobre si mesmo.

Nessa linha de pensamento de Ricoeur, pode-se dizer que, deslizando entre o passado “real” e os possíveis “irreais” da ficção, Eva Perón escreve sua memória política, uma memória reconstruída sobre o verossímil, para reforçar que seu texto remete mais ao verossímil do que ao verdadeiro, recorre frequentemente a expressões lexicais e/ou estruturas gramaticais que exprimem a incerteza, a eventualidade, a suposição, como o uso do futuro do pretérito em diversas passagens do livro:

Me pregunto si tal vez en lo más secreto de mi corazón, en mi subconciencia no tendría ya, al iniciar estos apuntes, el propósito de buscar otro pretexto más que hablar de ellos precisamente: de Perón y su pueblo [...] ¡Quizás en eso consista mañana mi única gloria: en haber sabido decir toda la verdad acerca de los grandes amores de mi vida, tal como yo los vivo, los siento y los sirvo! [...] ¿Acaso en esto no está la ‘clave’, la explicación de mi propia vida? [...] Si alguna vez le molesto a Dios con algún pedido mío es para eso: para que me ayude a dar la vida por mis descamisados [...] Cuando yo concebí mi obra de ayuda social no pensé ni remotamente que tendría necesidad

desempenho cada vez melhor, pois não me parece difícil, nem desagradável. Na maior parte dos dias sou, ao contrário, Evita, ponte estendida entre as esperanças do povo e as mãos realizadoras de Perón, primeira peronista Argentina, e este sim que me resulta num difícil papel, e neste papel nunca estou totalmente contente comigo. De Eva Perón não interessa que falemos. O que ela faz aparece bastante difuso nos jornais e revistas de todas as partes. Ao contrário, sim interessa que falemos de ‘Evita’. Não porque sinta alguma vaidade em sê-lo, senão porque quem compreenda a ‘Evita’, talvez encontre logo e facilmente a compreensão aos seus *descamisados*, o povo mesmo, e esse nunca se sentirá mais do que é... Nunca se transformará, portanto, em oligarca, que é o pior que pode acontecer a uma peronista! [...] Quando escolhi se ‘Evita’, escolhi o caminho de meu povo [...] Ninguém senão o povo me chama ‘Evita’ [...] Somente aprenderam a me chamar assim os *descamisados*. Os homens de governo, os dirigentes políticos, os embaixadores, os empresários, os intelectuais, etc., costumam me chamar ‘Senhora’, e alguns, inclusive, tratam-me publicamente ‘Excelentíssima ou Digníssima Senhora’ e até, às vezes, ‘Senhora Presidente’. Eles não enxergam em mim, ninguém mais que Eva Perón. Os *descamisados*, ao contrário, não me conhecem, senão por ‘Evita’ [...] Sim, confesso que tenho uma ambição, somente uma e grande ambição pessoal: quisera que o nome de Evita aparecesse alguma vez na história de minha Pátria [...] E me sentiria devidamente, demasiado compensada se a nota terminasse desta maneira: ‘Daquela mulher somente sabemos que o povo a chamava, carinhosamente, ‘Evita’’. (tradução nossa).

de hacer todo lo que después me he visto obligada a realizar [...] ¿Acaso aquí pueda verse todavía aquella ingenua idea de mi infancia, cuando yo creía que todos eran ricos en el mundo?¹³ (PERÓN, 2004, p. 78-115).

Assim, por meio de uma narrativa híbrida em que se misturam escrita do eu, memória política, diário, relato e ficção, Eva Perón tenta reorganizar seu passado. Escrevendo, portanto, pelas mãos do outro, ela se inventa, poderíamos dizer que sua escrita do eu tem origem na exploração de um imaginário acima de tudo “na experiência”, intrinsecamente ligado à memória afetiva e à capacidade de reciclar coisas ou de ressuscitar vozes de um tempo sensível ao lado de Perón. O papel representado por este imaginário na construção de sua autobiografia é, aliás, ressaltado por ela própria ao final do livro, quando declara que apesar de seu amor por Perón, pelos *descamisados* e pela causa social, ela foi a mulher que não foi elogiada e, mesmo sendo como qualquer outra mulher, além de ser uma simples mulher, ela de nada se arrepende. Tudo que escreveu, tudo que fazia, tudo que pensava, tudo que tinha e tudo que sentia era de Perón, de Perón e de seu povo, afirmava:

Creo que ya he escrito demasiado. Yo solamente quería explicarme y pienso que tal vez no lo haya conseguido sino a medias. Pero seguir escribiendo sería inútil. Quien no me haya comprendido hasta aquí, quien no me haya ‘sentido’, no me sentirá ya aun cuando siguiera estos apuntes por mil páginas más. Aquí veo ahora a mi lado verdaderas pilas de papel fatigado por mi letra grande... y creo que ha llegado el momento de terminar. Leo las primeras páginas... y voy repasando todo lo que he escrito. Sé que muchas cosas tal vez, no debieras haberlas dicho... Si alguna vez se leen por curiosidad histórica no me harán estas páginas un favor muy grande: la gente dirá por ejemplo que fui demasiado cruel con los enemigos de Perón. Pero... no he escrito esto para la historia. Todo ha sido hecho para este presente extraordinario y maravilloso que me toca vivir: para mi pueblo y para todas las almas del mundo que sientan, desde cerca o de lejos, que está por llegar un día nuevo para la humanidad: el día del Justicialismo. Yo solamente he querido anunciarlo con mis buenas o malas palabras... con las mismas palabras con que lo anuncio todos los días a los hombres y a las mujeres de mi propio pueblo. No me arrepiento por ninguna palabra que he escrito. ¡Tendrían que borrarse primero en el alma de mi pueblo que me las oyó tantas veces y que por eso me brindó su cariño inigualable! ¡Un cariño que vale más que mi vida!¹⁴ (PERÓN, 2004, p. 157).

A autobiografia de Eva Perón funciona como o lugar da realização da experiência do sujeito fragmentado, dividido entre o universo feminino e o discurso de poder masculino.

Esta perspectiva reflete a própria história da mulher que ao longo da história tem sido descrita de diversas formas, de acordo com a cultura de cada povo, com o período específico em que viveu, envolvida por circunstâncias sociais da época. Historicamente a mulher sempre esteve na posição de subordinação ao homem, ela não podia escolher, era escolhida. Mesmo as poucas produções artísticas femininas obrigavam o uso de codinomes masculinos para serem aceitas e ao iniciarem-se na escrita muitas escritoras partiram para uma escrita confessional, às vezes, autobiográfica e poucas vezes memorialística.

Para Ricoeur (1994), não é possível reconstruir o passado como ele foi e, por isso, a autobiografia consiste em uma leitura da experiência, o que nos leva a uma outra questão, considerada central nos estudos autobiográficos: como o texto escrito representa o sujeito. Para o autor, o eu é criado na experiência da escritura; é representação do eu da vida real. Além das problemáticas já citadas, as próprias distinções entre as formas das narrativas do eu são muitas vezes imprecisas e, por isso, torna-se difícil estabelecer critérios rígidos para delimitar características da autobiografia, do diário, das memórias.

Ricoeur observa que há uma interpenetração entre todas as formas. Apesar das marcas que caracterizam as diferentes formas do gênero autobiográfico levantadas por Lejeune (1975), há textos íntimos que são difíceis de classificar como diário ou como autobiografia, mas todos se encaixam na escrita do eu.

Na autobiografia *La razón de mi vida*, muitos fragmentos revelam, como foi dito, não o momento presente, mas o passado, como um mapa, uma cartografia. Através das lembranças da infância, da adolescência e da mulher adulta, a voz narrativa procura expor impressões como elas lhe vêm ao espírito e ao coração. Mescla, para isso, o olhar

¹³ Pergunto-me se talvez no mais secreto de meu coração, em minha subconsciência, não teria já, ao iniciar estas anotações, o propósito de procurar outro pretexto mais do que falar deles precisamente: de Perón e de seu povo [...] Talvez nisto consista amanhã minha única glória: em ter sabido dizer toda a verdade sobre os grandes amores de minha vida, tal como eu os vivo, sinto-os e os sirvo! [...] Por acaso nisto não está ‘a chave’, a explicação de minha própria vida? [...] Se alguma vez incomodo a Deus com algum pedido meu é para isso: para que me ajude a dar a vida por meus *descamisados* [...] Quando eu concebi minha obra de ajuda social não pensei, nem remotamente, que teria necessidade de fazer tudo o que depois me vi obrigada a realizar [...] Por acaso aqui possa ver ainda aquela ingênua ideia de minha infância, quando eu acreditava que todos eram ricos no mundo? (tradução nossa).

¹⁴ Acredito que eu já escrevi demasiado. Eu somente queria me explicar e penso que talvez não o tenha conseguido, senão pela metade. Porém continuar escrevendo seria inútil. Quem não me compreendeu até aqui, quem não tenha ‘me sentido’, não me sentirá já até quando eu seguisse escrevendo estas anotações por mais mil páginas. Aqui vejo agora ao meu lado verdadeiras pilhas de papel fatigado por minha letra grande... e acredito que chegou o momento de terminar. Leio as primeiras páginas... e vou repassando tudo o que escrevi. Sei que muitas coisas, talvez, eu não devesse tê-las dito... Se alguma vez sejam lidas por curiosidade histórica, essas páginas não me farão um grande favor: as pessoas dirão, por exemplo, que fui demasiado cruel com os inimigos de Perón. Porém... não escrevi isto para a história. Tudo foi feito para este presente extraordinário e maravilhoso que estou vivendo: para meu povo e para todas as almas do mundo que se sintam, de perto ou de longe, que está para chegar um novo dia para a humanidade: o dia do *Justicialismo*. Eu somente quis anunciá-lo com minhas boas ou más palavras... com minhas palavras com que o anúncio todos os dias aos homens e às mulheres de meu próprio povo. Não me arrependo por nenhuma das palavras que escrevi. Teriam que apagá-las primeiro da alma de meu povo. Meu povo que as ouviu tantas vezes e que por isso me ofereceu seu carinho inigualável! Um carinho que vale mais que minha vida! (tradução nossa).

intimista, que descreve o momento e que é próprio do diário, com o olhar memorialista, de quem está a olhar os fatos à distância, que é característico da autobiografia. Marcas do diário – definido por Ricoeur (1994) como um livro aberto que apresenta uma sequência de instantes e interpretações momentâneas da vida –, e da autobiografia – que se caracteriza pelo enfoque retrospectivo da narração, proveniente de uma elaboração do passado –, ambos gêneros da escrita do eu, estão presentes na obra através desses dois olhares.

A distinção entre o olhar intimista do diário e o olhar memorialista da autobiografia, de acordo com o autor, é questionável, pois para ele toda a escrita do eu propõe uma autobiografia em potencial, por esta via, propusemo-nos aqui refletir em que medida *La razón de mi vida* pode ser lida como mais um documento importante a registrar aspectos da vida cultural e histórica da mulher e espaço público na América Latina, ainda que seja o desejo de muitos a negação desta história.

Observamos que a escrita do eu em *La razón de mi vida* se manifesta e se configura na obra através de uma estrutura composta por relatos de experiência do cotidiano que acabam por revelar presente e passado, individual e coletivo.

A partir desta autobiografia se pode conhecer as contribuições fundamentais da mulher para a criação da ala feminina do partido peronista. É sabido que antes de Eva Perón, conforme Barrancos (2007), não faltavam antecedentes na vida dos partidos políticos democráticos, que reconheciam um setor específico de representação feminina e em certa medida o socialismo com seus centros de mulheres, no entanto, a ala feminina do partido peronista foi a única força que admitiu uma formação feminina expressamente assentada de forma autônoma.

La razón de mi vida mostra uma Eva Perón convencida da enorme inconveniência que tinha a presença dos homens dentro do partido, fato que, inclusive, confundia o desempenho das mulheres, haja vista a aversão de certos setores sociais. Uma das tarefas mais importantes das primeiras peronistas foi a realização de um censo feminino, para estabelecer com maior exatidão possível quem eram as mulheres que, nos mais distantes pontos da Argentina, apoiavam o regime, conforme relata Barrancos (2007).

Diversas pesquisas mostraram as contrariedades da ideologia peronista, ou seja, das posições de Eva Perón que, por um lado, proferia uma retórica conservadora, apegada estritamente ao estereótipo feminino, toda vez que recordava as “sagradas funções maternas” e, por outro lado, exigia a maior disponibilidade para realizar o mandato doutrinário do grande líder, Perón, convidando a abandonar seus lares por sua causa política.

O texto autobiográfico de Eva Perón revela que historicamente, as forças de esquerda, sobretudo, o socialismo, tinham integrado às militantes e simpatizantes mediante ações de letramento, através de conferências e bibliotecas, mas também sobre a base da instrução que modelava as atividades próprias do gênero.

Na mesma época, das ações políticas e sociais descritas por Eva Perón, em sua autobiografia, afirma Barrancos (2007), a presença de mulheres como legisladoras era mínima nos Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra. Segundo a historiadora, na América Latina, nem nas nações que reconheciam certa precocidade em matéria de voto feminino – Equador, Cuba, Brasil, Uruguai – encontravam-se mulheres nos órgãos de representação. Observa-se que as mulheres não ocupavam cargos expressivos de Poder Executivo, em nenhum lugar do mundo, no início do século passado. Por estes aspectos, a obra *La razón de mi vida* constitui-se ao lado de outros textos reveladores da cultura e da história na América Latina como um importante registro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autobiografia de Eva Perón ao narrar uma trajetória que contempla períodos da juventude, antes de fazer parte da causa social e política do país de origem, até o momento em que declara a sua tomada de consciência com relação à participação política na América Latina, como mulher, coloca-se como documento, na perspectiva da Nova História, no sentido atribuído por Peter Burke. Para ele os “novos historiadores estão preocupados com ‘a história vista de baixo’, em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social”. (BURKE, 1992, p. 12-13).

Ao optar pelo gênero autobiográfico, pensando escrever sua história de vida, Eva Perón inicia um processo de ordenamento e compreensão dos acontecimentos que constituíram sua existência, verificando sua importância para a escritura do texto, contudo, observa-se que Eva Perón ao falar de si, revela o outro, o marido e sua causa política.

Em sua autobiografia Eva Perón comenta, ainda, que muitos a reprovarão por ter escrito tudo pensando somente em Perón, mas que tinha as suas razões, por isso, em muitos fragmentos da obra o texto é altamente confessional. Em todo o texto, a forma autobiográfica mostra paradoxalmente, Eva como um duplo de Perón. O texto reforça a ideia de uma existência a partir do outro.

La razón de mi vida de um lado aproxima-se da concepção tradicional de biografismo, ou seja, apresenta um conjunto de textos em torno dos quais se organiza. Em um primeiro olhar, a narrativa estaria linearmente ligada aos aspectos cronológicos da vida e atuação política de Eva Perón, tentando passar uma imagem única e integral do sujeito ali descrito. No entanto, no texto autobiográfico aspectos importantes de sua vida vão sendo descritos e interpretados desvelando um outro “texto” em que aparece uma memória social. A princípio, tem-se a impressão de que a figura de

Eva Perón é tratada apenas com um tom “encomiástico”, conforme Bakhtin (2000), ou seja, um texto escrito para glorificação. Conforme, vamos lendo o texto ao lado de outros textos, a exemplo da obra de Dora Barrancos (2007) observamos que a primeira parte está dedicada mais ao sujeito do presente, ao contrário das partes subsequentes, que se voltam ao sujeito político coletivo, ou seja, a mulher/figura política e a causa social.

Nesta perspectiva, o texto autobiográfico *La razón de mi vida* dialoga com diferentes vozes, apresentando, de forma híbrida, características do texto confessional, do texto autobiográfico e também do texto memorialístico.

Embora o gênero autobiográfico seja caracterizado pelas especificidades estruturais e ideológicas A autobiografia de Eva Perón realiza um discurso marcado pela alteridade, ocultada na figura de Perón. Nesse sentido, a história própria expressa em nome próprio se aproxima do eu narrativo e ganha um estatuto especial, na medida em que representa um universo pautado no social e no imaginário coletivo, ao apresentar fenômenos históricos e sociais situados no contexto latino-americano.

Este estudo justifica-se na medida em que nos oportuniza reflexões com relação ao gênero da autobiografia, ainda pouco estudado no espaço acadêmico no campo dos estudos da linguagem e da literatura. Tivemos assim, a oportunidade de verificar a importância deste gênero para os estudos sobre culturas hispânicas em nosso trabalho com o ensino, a língua e a cultura no contexto latino-americano.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARRANCOS, D. *Mujeres en la Argentina: una historia de cinco siglos*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2007.

BRUNEL, P (Org.) **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

BURKE, P. **A escrita da história. Novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

COLLONA, V. *Autofiction et autres mythomanies littéraires*. Paris: Tristram, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade – a vontade de saber**. Trad. MARIA Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

LOBO, L. **A Literatura de Autoria Feminina na América Latina**. Disponível em <<http://www.members.tripod.com/~lfilipe/LLobo.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2008.

MARTÍNEZ, T. E. *El Canon Argentino*. *La Nación*, México, 10 nov. 1996. Suplemento Cultura.

PERÓN, E. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: Peuser, 2004.

REMÉDIOS, M. L. R. **Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade**. (Org.). Porto alegre: Mercado Aberto, 1997.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994.

ROBIN, R. *Le roman mémoriel: de l'histoire à l'écriture du hors-lieu*. Montréal: Préambule, 1989.

RODRIGUES, M. A. **O Discurso Autobiográfico Confessional**. Goiania: Ed. da UCG, 2007.

SARTRE, J. P. **As palavras**. Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SIBONY, D. *Entre-deux: l'origine en partage*. Paris: Seuil, 1991.

VILAIN, P. *Défense de Narcisse*. Paris: Grasset, 2005.

ⁱ A data de 1951 refere-se à primeira edição da obra *La razón de mi vida*. Foi editado inicialmente por Ediciones Peuser com uma tiragem de 300.000 exemplares, e foi reeditado em numerosas ocasiões em anos posteriores. A autoria, ou papel de *ghost-writer* é tributado a Manuel Penella da Silva, jornalista espanhol, segundo estudiosos sobre o mito de Eva Perón, a exemplo do sociólogo Horacio González (2009).